

ENSAIO PARNASIANO? POR UMA *THEORIA* DA PROXIMIDADE DOS OBJETOS: EUCLIDES DA CUNHA E OLÍMPIO DE SOUZA ANDRADE¹

João Cezar de Castro Rocha
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

MANUAL DE PROCEDIMENTOS: NOTAS INICIAIS

Devo advertir o leitor do caráter introdutório das próximas páginas. Pretendo propor uma hipótese relativa ao gênero da obra de Euclides da Cunha. Creio que se pode pensá-lo como um “ensaio parnasiano”, categoria que definirei na última seção deste texto e que supõe a reconstituição do campo discursivo da época da escrita de *Os sertões*. Vale, porém, a advertência: não farei mais do que esboçar os primeiros passos na tentativa de definição deste gênero ensaístico.

Já no tocante às disciplinas científicas do período, o recente e importante trabalho de José Carlos Santana, *Ciência e arte*, esclarece a necessidade de uma tal reconstrução do campo discursivo. Ele deu uma contribuição decisiva para os estudos euclidianos, adotando como norte uma premissa tão simples quanto imprescindível: “Este trabalho tem como principal motivação o estudo das relações existentes entre um dos discursos científicos euclidianos, o das Ciências Naturais, e as atividades e teorias nesse campo do conhecimento”.² Em outras palavras, Santana recuperou o contexto discursivo em meio ao qual (mas, em alguns casos, contra o qual) Euclides da Cunha ergueu *Os sertões*. Desse modo, pôde verificar em que medida o autor de *Contrastes e confrontos* assimilou as correntes científicas do tempo ou, pelo contrário, a elas opôs a singularidade da circunstância sertaneja. Recorde-se, por exemplo, a famosa ressalva às categorias geográficas hegelianas: “Aos sertões do Norte, porém (...), falta um lugar no quadro do pensador germânico”.³ E também a reprimenda que dirige a Gumpłowicz, cuja obra forneceu o eixo interpretativo para a revisão da campanha de Canudos. Se a luta das raças permaneceu o modelo indisputado, a miscigenação abria uma alternativa que escapara ao “(...) grande professor de Graz [que] não a considerou sob este aspecto. A verdade, porém, é que se todo elemento étnico forte, ‘tende subordinar ao seu destino o elemento mais fraco ante o qual se acha’ encontra na mestiçagem um elemento perturbador”.⁴ Ora, a fim de recuperar a inteligência das relações de Euclides com os ideais de seu tempo, é necessário resgatar sua reflexão do anacronismo usual com que se adjetiva a escrita de *Os sertões*.

Por isso, com um propósito somente em aparência modesto, José Carlos Santana beneficiou-se de metodologia que deve ser ampliada para outras áreas dos estudos euclidianos – aliás, como disse, essa é a hipótese que proponho em relação ao texto de

¹ Uma primeira versão muito reduzida desse texto foi publicada com o título “Euclides da Cunha: itinerário devassado”. *Jornal do Brasil / Caderno Idéias*, p. 1 & 6, 25 jan. 2003. Agradeço, pois, a Cristiane Costa e a Cláudia Nina a oportunidade da primeira publicação. Agradeço também a Susana Scramim pelo estímulo para ampliar a primeira versão.

² José Carlos Barreto de Santana. *Ciência & arte: Euclides da Cunha e as ciências naturais*. São Paulo / Feira de Santana: Hucitec / Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001; p. 19.

³ Euclides da Cunha. *Os sertões*. Campanha de Canudos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002 [1902]; p. 134.

⁴ *Idem*; p. 202.

⁵ José Carlos Barreto de Santana. Op. cit.; p. 189.

Euclides da Cunha. A laboriosa reconstrução do diálogo de Euclides com os cientistas e as teorias contemporâneas desembaraça o leitor de facilidades hermenêuticas, tanto mais curiosas quanto mais travestidas de sofisticadas digressões teóricas. Na verdade, a negligência com o campo discursivo das Ciências Naturais no momento da composição de *Os sertões* condena o analista a uma leitura ingênua porque anacrônica. Pelo contrário, a contextualização das idéias e dos debates estimula uma abordagem cuja complexidade independe de pirotecnias conceituais geralmente alheias aos problemas levantados pelo pensamento euclidiano. Assim, na conclusão do livro, Santana reencontrou a imagem ambígua do engenheiro-escriptor; imagem, é bem verdade, onipresente na fortuna crítica desde a célebre resenha de José Veríssimo de 3 de dezembro de 1902, publicada no *Correio da Manhã*. Sem embargo, Santana redescobriu a figura do cientista-literato após cuidadosa reconstrução discursiva, o que representa uma forma inovadora de revisitar o motivo:

Se por um lado buscou o reconhecimento como escritor, o que significou um lugar conquistado entre os 'homens de letras', por outro sempre se viu como integrante da comunidade científica da sua época, co-participando deste espaço com 'profissionais de ciência'.⁵

Trata-se, portanto, de compreender a dupla inscrição que caracteriza a obra euclidiana. Aliás, deve-se recordar, duplicidade forjada num período em que, no cenário brasileiro, os próprios discursos ainda desconheciam a autonomia e o distanciamento engendrados pelo ensino universitário a partir dos anos de 1930 e de 1940. Esse tópico interessa de perto à hipótese que desenvolvo, e retornarei a ele na última seção deste ensaio. Antes, porém, tomo um desvio, ou melhor, retomo uma clássica interpretação de *Os sertões*, a fim de encontrar estímulos para minha abordagem.

RELEITURA DE UM CLÁSSICO

Como esclareceu na “Nota preliminar” de *Os sertões*, Euclides da Cunha pretendia “esboçar, palidamente embora, ante o olhar de futuros historiadores”,⁶ as vicissitudes da formação social brasileira tal como trazida à superfície pela campanha de Canudos. O esboço, porém, nada tinha de pálido e, por isso mesmo, ainda hoje alimenta polêmicas acaloradas e anima as mais variadas manifestações artísticas: romances, filmes, exposições fotográficas, documentários, peças de teatro, até mesmo enredo de escola de samba.⁷ Atualmente, no Teatro Oficina, José Celso encena a primeira parte da trilogia inspirada nas três seções que compõem a obra: “A terra”, “O homem”, “A luta”. De fato, o engenheiro-escritor conquistou o futuro, atraindo muito mais do que somente o olhar dos historiadores.

Em recente e notável reedição de *Os sertões*, Leopoldo Bernucci identificou a origem do interesse constante e sempre renovado: “Em toda a história da literatura brasileira, nenhum escritor pôde estabelecer, até agora, uma relação tão visceral com seus leitores”.⁸ A vitalidade das discussões provocadas pela obra confirma o acerto da observação; vitalidade, aliás, perfeitamente recuperada no palco do Teatro Oficina. Em meio a recursos cênicos variados, José Celso Martinez Corrêa lançou mão de notável princípio de tradução do texto euclidiano: ele transformou descrições caracterizadas por indisfarçável intenção científica, naturalmente narradas em terceira pessoa, em eloquentes discursos enunciados em primeira pessoa, como se a própria paisagem sertaneja se transformasse em personagem-ator do drama da seca. Assim, numa inesperada performance, a letra euclidiana, tantas vezes considerada hermética, transforma-se em voz e corpo do sertão. Num agudo comentário: “(...) as pedras e as plantas, as águas e os ventos, são antropomorfizados, como seres típicos e coletivos, não meras alegorias, com qualidades emocionais e pessoais”.⁹ Dessa forma, a encenação de José Celso recupera um dos traços mais vigorosos da prosa de Euclides, trazendo para o palco o elemento trágico que atravessa o livro, na imagem da luta do sertanejo contra a adversidade do meio.¹⁰

Entre os muitos leitores viscerais, destaca-se o nome de Olímpio de Souza Andrade. Pesquisador infatigável, publicou documentos inéditos e recolocou em circulação textos praticamente desconhecidos, inaugurando uma nova fase nos estudos euclidianos. Em 1960, lançou *História e interpretação de Os sertões*, uma biografia peculiar em que Euclides é compreendido como se fosse um tríptico composto pelo autor de *Os sertões*, pelo leitor sempre interessado tanto nas teorias do momento quanto nos estudos brasileiros e, por fim, pela própria obra. O Euclides de Olímpio é a metamorfose desses fatores num novo elemento. Mais do que a biografia de Euclides da Cunha, Olímpio preparou a biografia de suas leituras e da escrita de *Os sertões* – “obra viva, centro e periferia de tudo”.¹¹ Assim, não é a trajetória do autor que predeterminou a obra, mas, de fato, o projeto de escrever *Os sertões* que, a partir de 1896, guiou os passos de Euclides. Daí o método escolhido: “Procuramos balancear *história* e *interpretação* de acordo com o que nos pareceu útil para o conhecimento de *Os sertões*”.¹²

De um lado, a *história* comparece na reconstrução biográfica de Euclides da Cunha, desde sua infância até a impressionante e imediata repercussão de *Os sertões*. Bastará recordar que, autor de um livro somente, lançado no final de 1902, Euclides foi eleito

⁶ Euclides da Cunha. Op. cit.; p. 65.

⁷ Em 1978, a escola de samba “Em cima da hora” apresentou o samba-enredo “Os sertões”, de Edeor de Paula, recentemente eleito o segundo melhor samba-enredo da história dos camavaís. Bernardo Araujo, Daniela Name & João Pimentel. “O melhor samba-enredo de todos os tempos é...”. Segundo Caderno, O Globo, 02/03/2003, pp. 1-2. Isto para não mencionar escritores estrangeiros que recriaram a Campanha de Canudos, estimulados pela leitura de *Os sertões*. Por exemplo, Sándor Márai, em *Veredicto em Canudos*, e Mario Vargas Llosa, em *La guerra del fin del mundo*.

⁸ Leopoldo Bernucci. “Prefácio”. Euclides da Cunha. *Os sertões*. Campanha de Canudos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002 [1902]; p. 13.

⁹ Berthold Zilly. “Da palavra cênica à encenação da palavra”. *Os sertões*. 100 anos. São Paulo: Teatro Oficina, 2002, s/p.

¹⁰ A observação é de Antonio Candido: “Em Ratzel, ou em Buckle, não há tragédia: há jogo mútuo quase mecânico entre o homem e o meio. Em Euclides, porém, seu discípulo, podemos falar de sentimento trágico, porque nele as determinantes do comportamento humano, os célebres fatores postos em foco pela ciência, no século XIX, são tomados como as grandes forças sobrenaturais, que movimentam as relações dos homens na tragédia grega”. “Euclides sociólogo”. *Textos de intervenção*. Vinicius Dantas (org.). São Paulo: Duas Cidades & 34 Letras, 2002 [1952]; p. 182.

¹¹ Olímpio de Souza Andrade. *História e interpretação de Os sertões*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002 [1960]; p. XXVII.

¹² Idem; p. XXVIII.

¹³ Idem; p. 4.

¹⁴ Idem; p. 9.

¹⁵ Idem; p. 20.

¹⁶ Idem; p. 98.

¹⁷ Eis a citação na íntegra: "Parece insignificante a descoberta, mas abre ao mesmo tempo uma tripla visão: do cientificismo dominante à época; da escassa militarização do currículo da Escola, objeto de sucessivas reclamações advindas de vários quadrantes; e da maneira pela qual Euclides via a si mesmo como profissional, ou seja, mais um cientista que um soldado". Walnice Galvão. "Um clássico dos estudos euclidianos". Olímpio de Souza Andrade. *História e interpretação de Os sertões*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002 [1960]; p. XIX.

¹⁸ Idem; p. 106.

para a Academia Brasileira de Letras em 21 de setembro de 1903. Em novembro do mesmo ano, tomaria posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Uma consagração meteórica, como se vê.

De outro lado, a *interpretação* se evidencia no princípio seletivo. Os fatos mais relevantes da biografia são justamente os que ajudam a compreender a gestação de *Os sertões*. Com tal propósito, Olímpio de Souza Andrade realizou um minucioso levantamento das leituras de Euclides, rastreadas através das citações identificadas na colaboração jornalística e mediante as alusões encontradas na correspondência. Na escrita do jovem Euclides, Olímpio descobriu o palimpsesto das leituras do futuro autor, reconstruindo o itinerário de seus interesses intelectuais e de suas afinidades eletivas.

Esse aspecto esclarece uma das maiores contribuições do livro. Refiro-me à pesquisa de fontes primárias ignoradas ou praticamente perdidas, incluindo "uma série de versos desajeitados, cartas, cartões, relatórios, artigos, depoimentos de contemporâneos, alguns por nós mesmos colhidos".¹³ Com tais fontes, Olímpio escreveu a história do romance de formação de Euclides, obtendo resultados interpretativos surpreendentes.

Por exemplo, das recordações da infância, Euclides fixou-se sobretudo na paisagem do Vale do Paraíba. E como o menino é o pai do homem, a memória da terra retornaria no papel de protagonista nas páginas "do grande diálogo que armou, da natureza com a história".¹⁴ Nos primeiros artigos e nos maus versos que compôs, Olímpio buscou fotografar as preocupações iniciais do jovem estudante da Escola Militar, identificando um conjunto de temas que encontraria pleno curso na escrita de *Os sertões*. Nenhum tópico teria mais força do que a presença determinante do meio geográfico, tanto nas lembranças quanto na futura obra: "Como sempre, não recorda coisas íntimas, relações, amigos de infância, parentes, mas vai direto ao 'cenário', que depois destacaria em *Os sertões*".¹⁵ Como vimos, José Celso soube destacar o aspecto em sua recriação da obra.

Recorde-se também exemplo de pesquisa em fontes primárias relacionado ao trabalho de José Carlos Santana. No arquivo da Casa Euclidiana de São José do Rio Pardo, Olímpio encontrou, além de numerosas cartas inéditas, "um curioso cartão de visitas", no qual o futuro escritor se apresentava: "Euclides da Cunha – Bacharel em Matemática, Ciências Físicas e Naturais".¹⁶ Walnice Galvão anotou com precisão: "parece insignificante a descoberta", mas, na verdade, entre outras coisas, permite compreender como "Euclides via a si mesmo como profissional, ou seja, mais um cientista que um soldado".¹⁷ E como Santana demonstrou, os termos escolhidos na autodefinição de Euclides revelam a duplicidade constitutiva dos esforços do engenheiro-escritor. Se o sentido forte da inscrição dúplici já foi suficientemente esclarecido pelo autor de *Ciência e arte* no tocante ao diálogo com as teorias contemporâneas à composição de *Os sertões*, acredito que trabalho similar necessita ser realizado no plano da escrita euclidiana.

Olímpio forneceu o ponto de partida, anotando em diversas passagens do seu livro aspectos definidores da escrita euclidiana. Por isso, ao elencar os autores citados na contribuição regular que Euclides iniciou em 1888 na *Província de São Paulo* (depois, *Estado de São Paulo*), identificou que, entre 1894 e 1895, "alusões e referências vão incluir, preponderantemente, autores brasileiros ou que tenham escrito sobre o Brasil. O homem mudava de caminho".¹⁸ A correção de rumos conduziu o engenheiro-jornalista à Campanha de Canudos, enviado para o sertão como correspon-

dente de guerra. A necessidade de rescrever a história, superando os limites da reportagem, levou o engenheiro a adquirir instrumentos que permitissem a definitiva ascensão do escritor.

Natural de São José do Rio Pardo, cidade que continua desempenhando papel fundamental na preservação e na discussão do legado euclidiano, Olímpio dedicou parte considerável do livro à estada de Euclides na cidade, onde permaneceu entre 1898 e 1901, logo após retornar de Canudos. Em nenhum outro momento, Euclides conseguiu conciliar com a mesma felicidade vida pessoal e atividade pública, as tarefas da engenharia e os projetos da vida intelectual. Ao recordar a gênese de *La guerra del fin del mundo*, Mario Vargas Llosa afirmou que se sentira atraído, “na história de Canudos, pela total incompreensão das partes que falavam duas línguas sem comunicação”.¹⁹ O engenheiro-escritor projetou uma ponte simbólica entre os dois universos – o sertão e o litoral. E, enquanto redigia seu manuscrito, reparava a ponte do Rio Pardo que desabara logo após malograda inauguração. As duas obras foram sendo erguidas ao mesmo tempo; nas palavras de Euclides, “o livro era irmão gêmeo da ponte”.²⁰

Nas páginas mais reveladoras do livro, Olímpio demonstrou como Euclides estava dominado pelo tema e pela ambição de escrever o livro vingador, denúncia do massacre de Canudos. Porém, ainda não controlava todos os aspectos do assunto, apresentando inclusive uma lacuna surpreendente: desconhecia os principais autores das literaturas brasileira e portuguesa, “para os quais, entretanto, se voltava agora depressa, em cima da hora, quase sem tempo para isso...”.²¹ Olímpio completou a informação: “forte em lexicologia, pouco seguro em matéria de sintaxe, foi que ele chegou a São José do Rio Pardo, onde encontrou o vagar (...) para retocar por inteiro os trechos que escrevera e publicara pouco antes”.²²

O tempo provavelmente teria sido obstáculo intransponível não fosse a presença de fiéis amigos que criaram um círculo de debates em torno dos interesses intelectuais do engenheiro, no qual já vislumbravam o escritor consagrado. Destacava-se o prefeito Francisco Escobar, homem de reconhecida cultura e dono de respeitável biblioteca, franqueada a Euclides. Esse seletivo círculo discutiu o manuscrito de *Os sertões*, colaborando para o aprimoramento da forma e para o enriquecimento da argumentação. Compreenda-se, porém, o alcance dessas revelações. Não se trata de diminuir a contribuição euclidiana, acusando-lhe o “despreparo” ou a “precariedade” das leituras. Trata-se, isso sim, de assinalar que, a partir de sua decisão de escrever o livro vingador, Euclides subordinou a vida ao projeto. É por isso que a verdadeira biografia do autor de *Os sertões*, pelo menos até o ano de 1902, deve ser a história do processo de composição da própria obra. Ou: *História e interpretação de Os sertões*. E, como defenderei na seção final deste ensaio, a verdadeira análise do gênero do texto euclidiano exige a reconstituição do campo discursivo contemporâneo à escrita e à primeira recepção da obra. Tal esforço pode ser mais bem definido através de uma *theoria* da proximidade do objeto de estudo.

¹⁹ Informação extraída do diário de Ángel Rama, na entrada referente ao dia 23 de fevereiro de 1980. Eis a citação: “Pero también le atraía, en la historia de Canudos, la total incompreensión de las partes que hablaban dos lenguajes incomunicados: unos luchando contra una conspiración política anti-republicana y otros buscando el reino de Dios en la tierra”. Ángel Rama. *Diario 1974-1983*. Montevideo: Ediciones Trilce, 2001; p. 125.

²⁰ Olímpio de Souza Andrade. Op. cit.; p. 258.

²¹ Idem; p. 243.

²² Idem; p. 282.

²³ Olímpio de Souza Andrade. Op. cit.; p. 426.

²⁴ Tomo como base as acepções presentes no Dictionaire Grec Français, de Anatole Bailly: "1. Ação de ver, de observar, de examinar : 1. (geral) viajar para ver o mundo (...); 2. ação de ver um espetáculo (...)". Cito a edição da Hachette, de 1985.

POR UMA *THEORIA* DA PROXIMIDADE DOS OBJETOS

Vejamos como Olímpio descreveu o método de Euclides:

(...) para bem conhecer um rio, navegava nas suas águas; para escrever sobre o sertão, foi ver o sertão primeiro; para reconstruir uma ponte, fazia-se presente em todos os momentos; para traçar mapas perfeitos, ia pisar o chão desconhecido e empurrar os batelões com água acima dos joelhos em rios ignorados; para escrever um livro, reunia toda a experiência que possuía sobre o assunto, buscava a companhia de outras (...).²³

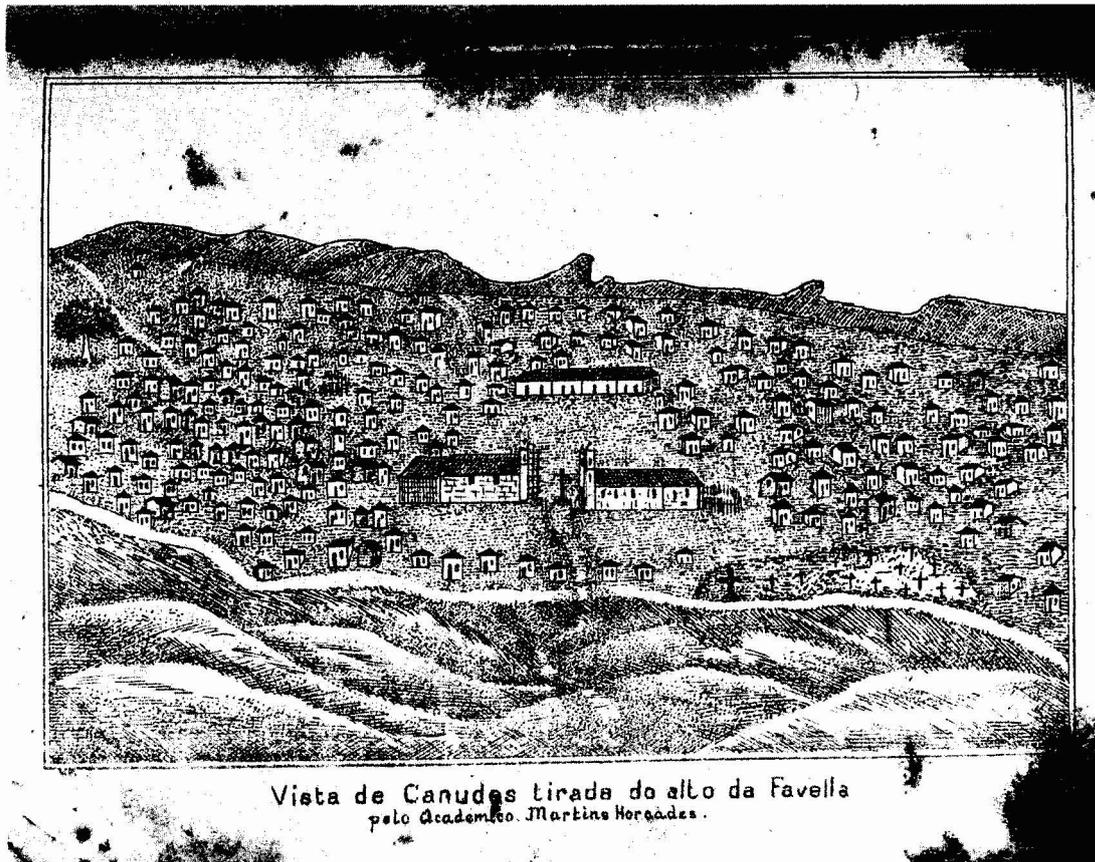
Nesta precisa definição, Olímpio resumiu indiretamente seu percurso, que pode ser caracterizado por um compromisso, ou seja, por uma *proximidade radical do objeto de estudo*. Aliás, compromisso e proximidade que Olímpio aprendeu com o próprio Euclides e cuja expressão encontra-se nas constantes viagens do engenheiro em busca dos temas do escritor. Viagens que recuperam o sentido originário da *theoria* num retorno à origem da palavra. Ora, o verbo *theorein* quer dizer "olhar para", "contemplar", "pesquisar", o que supõe um objeto a ser contemplado e pesquisado.²⁴ Nada mais distante desse olhar do que a *teoria* entendida como discurso auto-referente, composto por conceitos que remetem a si mesmos ou aludem a redes exclusivamente conceituais. Apesar da aparente complexidade discursiva gerada por tal entendimento da *teoria*, seu manejo é relativamente fácil, uma vez que se transforma o texto, objeto da pesquisa, em simples pretexto para o eterno retorno de premissas teóricas estabelecidas *a priori*. A ironia é involuntária e chega a ser perversa: os estudos com base em noções autotéticas do literário tornam ocioso o enfrentamento com a literatura, vale dizer, com o texto, uma vez que se sabe de antemão o resultado da análise. Não será portanto casual que as teorias e as análises críticas mais estimulantes no campo dos estudos literários tenham sido desenvolvidas num intenso corpo a corpo com um determinado *corpus* textual.

Lembrem-se alguns poucos exemplos. Na década de 1910, os estudos da linguagem poética desenvolvidos em Moscou surgiram fortemente associados à emergente vanguarda russa. As teorias sobre a carnavalização e o romance polifônico de Mikhail Bakhtin tornam-se mais claras no contexto da obra de Rabelais e Dostoievski, entre outras. A antropologia literária proposta por Wolfgang Iser pressupõe a leitura cuidadosa de determinada vertente do romance inglês moderno. Isto não quer dizer que suas teorias limitem-se ao *corpus* particular analisado, o que seria uma restrição indesejável. Afinal, uma vez que lidam com a ficção, entendida como um modo de apreensão e organização do mundo, suas formulações podem e devem fornecer modelos gerais de entendimento do fenômeno da ficcionalidade. Entretanto, o traço peculiar deste fenômeno é sua aderência ao objeto, ou seja, ao texto. Em outras palavras, nos estudos literários a autonomia da abordagem teórica recorda a paixão do poeta: ela deve ser medida e seu metro é a própria literatura. Caso contrário, cria-se um discurso ocioso porque tautológico, no qual os estudos de caso aparecem como simples ilustração da trama conceitual. É curioso que tais "teóricos" nunca se aborreçam com suas análises, já que as conclusões a que chegam dificilmente trazem alguma surpresa, pois confirmam o que já sabiam antes mesmo do trabalho analítico.

Por isso, contra uma visão empobrecida de *teoria*, Euclides da Cunha e Olímpio de Souza Andrade demonstraram o vigor da *theoria*, o que necessariamente implica a análise de contextos, no caso de Euclides, e a leitura de textos, no caso de Olímpio. Por isso, a atualidade de *Os sertões* reside precisamente no esforço de Euclides em compreender por dentro a realidade brasileira, que se apresentava como fratura exposta na guerra entre litoral e sertão. Já a atualidade de *História e interpretação de Os sertões* reside precisamente no esforço de Olímpio em compreender por dentro o autor canonizado, mas não necessariamente lido. Na formulação eloquente de José Celso: "*Os sertões* é o oxímoro, a contradição viva, sem síntese. Um livro falado, desconhecido, tabú".²⁵ Teremos desaprendido a lição das coisas? Ou será que, em meio a discussões cada vez mais centradas no próprio cotidiano da universidade, estamos perdendo de vista os objetos que estudamos? Portanto, o predomínio da concepção autotélica da teoria representa paradoxalmente o sintoma de sua esterilidade.

²⁵ José Celso Martinez Corrêa. "Ano 01 da incorporação do livro". *Os sertões. 100 anos*. São Paulo: Teatro Oficina, 2002, s/p.

Pelo contrário, a proximidade do objeto de estudo reúne os dois autores. Euclides buscou situar-se no centro do conflito de Canudos, pesquisando suas origens mais remotas, enquanto Olímpio buscou situar-se no centro da obra de Euclides, investigando sua biografia como se esboçasse a arqueologia de *Os sertões*. A intensidade com que se consagraram a seus temas assegura a vitalidade das obras que produziram, pois muitas das perguntas que formularam seguem sem resposta. No caso de Olímpio, pretendo aprofundar uma sugestão que atravessa seu livro e que se refere à escrita euclidiana.



Alvim Martins Horcades. *Descrição de uma viagem a Canudos*. Lilho - Typography Tourinho. Bahia, 1899. Col. Guita e José Mindlin.

²⁶ Luiz Costa Lima. *Terra ignota. A construção de Os sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997; p. 209.

²⁷ Para uma discussão dos conceitos de cena e subcena, ver Luiz Costa Lima. *Op. cit.*, especialmente pp. 159-162.

²⁸ *Idem*; p. 209.

²⁹ *Idem*; p. 51.

³⁰ Discuti a interpretação de Luiz Costa Lima em "A eloquência dos próprios erros: Euclides da Cunha e o princípio cartográfico". *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 144, pp. 79-102, 2001.

Minha hipótese supõe, no plano ensaístico, a necessidade de realizar levantamento semelhante à reconstrução discursiva efetuada no campo das Ciências Naturais por José Carlos Santana. A fortuna crítica tem sido pródiga em adjetivações do texto euclidiano, ora celebrando-o pela tensão entre "ciência e arte", para retomar o título do livro de Santana, ora criticando-o pela indefinição de seu gênero, para recordar o reparo de José Veríssimo. Entretanto, os extremos se tocam e terminam impedindo novas abordagens. Luiz Costa Lima propôs uma terceira via:

Vimos que, em vez de ser uma obra dotada de dupla inscrição – obra de história e literária –, como afirmara a primeira recepção euclidiana – ou, em proposta mais inseqüente uma ficção (...), a cena em *Os sertões* se divide em uma parte central, movida por uma explicação científica, e uma borda, a ornamentação literária.²⁶

O problema central das três opções é a negligência quase absoluta com a reconstrução do campo discursivo contemporâneo à obra de Euclides, o que conduz à projeção anacrônica de juízos. Na estrutura de uma cena científica e de uma subcena ornamental,²⁷ Costa Lima acreditou ter descoberto "traços mais gerais do sistema intelectual brasileiro",²⁸ o que reduz *Os sertões* à pálida função de espelhar tautologicamente o autor e seu meio. Afinal, não é verdade que Euclides, mesmo pelo fato indisputado de sua nacionalidade, torna-se um provável representante do intelectual brasileiro? Portanto, eventuais tropeços de Euclides nada diriam da difícil tarefa de elaborar um pensamento que enfrente problemas complexos numa circunstância tão ou mais complexa, para não dizer desfavorável. Pelo contrário, e aparentemente sem sombra de dúvida, os tropeços seriam apenas a evidência irrefutável de que "o pensamento no Brasil se torna um jogo de salão; ele não interfere no que é; no melhor dos casos, ajuda-o a ser difundido, tornando-o aceitável pelos que de antemão já o sabiam".²⁹ Por exemplo, pelos que de antemão já sabem que a obra deste ou daquele autor representa as mazelas deste ou daquele sistema intelectual. Como se viu, mais estimulante é a análise de Olímpio de Souza Andrade, pois, ao mesmo tempo em que identificou falhas na erudição euclidiana, formulou a pergunta realmente necessária: como compreender o alcance de *Os sertões*, apesar dos óbvios equívocos de seu autor?

Se a projeção anacrônica de valores compromete um livro como *Terra ignota*, então o método de José Carlos Santana precisa ser incorporado ao debate sobre o gênero do texto de *Os sertões*. Assim será possível resgatar as divisões características do campo discursivo do período da composição e da primeira recepção da obra. Sem esse cuidado metodológico, dificilmente superaremos o nível das simples adjetivações, seja da obra de Euclides, seja do sistema intelectual. Somente em tal circunstância parece viável escrever alentada interpretação de uma obra, ao mesmo tempo em que se ignora quase inteiramente a vasta fortuna crítica que lhe foi dedicada, sobretudo estudos anteriores que não deixaram de adiantar pontos retomados pela nova leitura.³⁰ Paradoxalmente, portanto, a crítica à precariedade do sistema intelectual é ilustrada pela própria crítica, uma vez que tem como base a incompreensível negligência com a maior parte do que se produziu sobre a obra de Euclides da Cunha.

Em primeiro lugar, a fim de superar o procedimento tautológico, leiam-se os comentários de Antonio Candido sobre a lenta autonomização dos discursos:

(...) a literatura contribuiu com eficácia maior do que se supõe para formar uma consciência nacional e pesquisar a vida e os problemas brasileiros. Pois ela foi menos um empecilho à formação do espírito científico e técnico (sem condições para desenvolver-se) do que um paliativo à sua fraqueza. Basta refletir sobre o papel importantíssimo do romance oitocentista como exploração e revelação do Brasil aos brasileiros.³¹

Tal contexto favoreceu o caráter onívoro da experiência literária, que se apresentava como o recurso mais acessível para a apreensão e a discussão da realidade brasileira, uma vez que a resolução metafórica e lingüística de problemas operava como elemento compensador da instabilidade dos meios institucionais necessários ao desenvolvimento de investigações sistemáticas: "Ante a impossibilidade de formar aqui pensadores, técnicos, filósofos, [a literatura] preencheu a seu modo a lacuna, criando mitos e padrões que serviriam para orientar e dar forma ao pensamento".³² Essa análise é mais fecunda do que a redução do problema à adjetivação de autores ou de um sistema intelectual, como se o colocador de rótulos não pertencesse ao sistema que classifica. Ora, Costa Lima parece atribuir a pouca densidade filosófica e teórica ao próprio sistema intelectual brasileiro, como se fosse fruto de decisão deliberada. Já Antonio Candido propôs que a possibilidade de constituição desse sistema teve de articular-se com base numa densidade rala, como se o nível primário de autonomização discursiva fosse em si mesmo uma forma discursiva de difícil superação, num perverso mecanismo auto-reprodutor. Compreende-se assim que tanto a dupla inscrição do texto euclidiano, segundo o ponto de vista mais comum, quanto a estrutura de uma cena que se desejava científica e de uma subcena ornamental que se lia (e ainda se lê) como literária, segundo o estudo de Costa Lima, ganham um sentido renovado à luz da reconstrução discursiva realizada por Candido. Afinal, em lugar de adjetivar resultados considerados precários, trata-se de refletir acerca da precariedade como origem, isto é, como condição de possibilidade.

Em segundo lugar, o autor de *Formação da literatura brasileira* situou a obra de Euclides na encruzilhada dos primórdios da autonomização discursiva, com a conseqüente perda de território da literatura para discursos que passavam a conhecer um grau inédito de articulação:

Toda essa onda vem quebrar n'Os sertões, típico exemplo da fusão, bem brasileira, de ciência mal digerida, ênfase oratória e intuições fulgurantes. Livro posto entre a literatura e a sociologia naturalista, *Os sertões* assinalam um fim e um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importantes da sociedade brasileira.³³

Trata-se de passagem fundamental, pois permite retomar sob outro ponto de vista a duplicidade do engenheiro-escritor que se autodefine como homem de letras e profissional de ciência. Mais do que mera idiosincrasia do reconhecidamente idiosincrático de Euclides, tal oscilação caracterizou os primórdios da divisão de tarefas no sistema intelectual brasileiro; divisão defendida de forma pioneira (embora nada sistemática) pela geração de 1870, especialmente pelos membros da Escola do Recife: "Toda a renovação intelectual do Naturalismo, a partir do que Sílvia Romero chamou a Escola do Recife, nos aparece hoje sobretudo como um

³¹ Antonio Candido. "Literatura e cultura de 1900 a 1945 (Panorama para estrangeiros)". *Literatura e sociedade. Estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985; p. 132. Pouco adiante, Candido exemplificará a afirmação: "Um Alencar ou um Domingos Olímpio eram, ao mesmo tempo, o Gilberto Freyre e o José Lins do Rego em seu tempo; a sua ficção adquiria significado de iniciação ao conhecimento da realidade do país". *Idem*; p. 136.

³² *Idem*; p. 131-32.

³³ *Idem*; p. 133.

³⁴ Idem; p. 133.

³⁵ Leopoldo Bernucci observou corretamente a permanência da preocupação com a poesia no Euclides maduro: "Vale a pena recordar que Euclides manifesta pela primeira vez o seu modo de composição artística como poeta aos 15 anos de idade. Parte da sua poesia, por precoce e rechaçada que fosse por ele, voltará sempre a interessar ao autor, que continuou, ao longo da vida, reescrevendo alguns versos e compondo outros novos, com a parcimônia e o empenho de quem lapida uma pedra preciosa". Leopoldo Bernucci. "Pressupostos historiográficos para uma leitura de *Os sertões*." Revista USP (2002:54); p. 15.

³⁶ Olímpio de Souza Andrade. Op. cit.; p. 28.

³⁷ Na interpretação de Roberto Ventura: "Para José Carlos Santana, esses dois aspectos, literatura e ciência, são indissociáveis na obra de Euclides, cujos erros científicos se explicam pela preocupação de escrever de forma poética e artística, estabelecendo conexões imagéticas entre os diversos níveis da realidade". Roberto Ventura. "Viagem ao centro da terra". José Carlos Barreto de Santana. *Ciência & arte: Euclides da Cunha e as ciências naturais*. São Paulo / Feira de Santana: Hucitec / Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001; p. 14.

³⁸ Olímpio de Souza Andrade. Op. cit., p. 250. Pelo menos em uma ocasião, porém, defendeu um equilíbrio entre os dois modos de conhecimento: "crente que era do consórcio da ciência e da arte". Idem; p. 391.

³⁹ Idem; p. 427.

⁴⁰ Idem; p. 281, grifos meus.

⁴¹ Idem; p. 453, grifo meu. Vale ressaltar, porém, que, na mesma página, Olímpio julgava que *Os sertões* também apresentava elementos de outras correntes, sendo por isso mesmo irredutível a uma única classificação: "Nada de submissão a disciplinas, classes de conhecimento, gêneros e escolas literárias".

sistema de retórica. Bacharéis de mente acesa, alastrando de literatura, e mesmo de literatice, noções científicas vagamente aprendidas em Haeckle, Huxley ou Büchner".³⁴ Ora, a estrutura composta por "uma parte central, movida por uma explicação científica, e uma borda, a ornamentação literária", talvez não seja exclusiva de *Os sertões*, como Luiz Costa Lima parece acreditar, mas caracterize um instante particular da experiência intelectual brasileira na virada do século XIX – atmosfera de que é testemunho eloqüente o panfleto que discutirei adiante, *A poesia científica*, de Izidoro Martins Junior.

Hora de retornar ao livro de Olímpio de Souza Andrade, a fim de aprofundar a reconstrução inicial dos campos discursivos que subjaz à hipótese que proponho. Referindo-se aos desajeitados versos do jovem Euclides,³⁵ Olímpio recordou a inclinação das décadas finais do século XIX, "que apresentou centenas de cultores da chamada 'poesia científica'" e que também empolgou o jovem estudante da Escola Militar, um adepto convicto da "poesia científica".³⁶ Afinal, na avaliação de José Carlos Santana, não seria equivocado pensar que o Euclides maduro manteve vivo os anseios do poeta adolescente, buscando o consórcio da ciência com a arte.³⁷ De resto, essa foi a conclusão de Olímpio de Souza Andrade, expressa em diversos momentos de seu livro, embora preferisse subordinar o cientista ao escritor: "Mas, convenhamos, o que importa mesmo, em se tratando de Euclides, não é tanto a ciência, quanto a intuição e o dom da arte".³⁸

Aliás, Olímpio mencionou um curioso ensaio de Guilherme de Almeida sobre "A poesia d'*Os sertões*", publicado em 1946, no qual iniciou um exercício que posteriormente seria levado a cabo com maestria por Augusto de Campos: a descoberta de recursos expressivos característicos da poesia na prosa euclidiana.³⁹ Com base nessa possibilidade, Olímpio buscou definir o estilo de Euclides, destacando "(...) certo gosto *parnasiano*, a paixão da forma enquanto clareza, vigor, precisão".⁴⁰ O motivo domina a análise e ressurge em diversos momentos: "Junto ao amor pela forma, à preocupação *parnasiana*, lembrada por alguns e, sem dúvida visível na sua prosa".⁴¹ O reconhecimento da atmosfera *parnasiana* na prosa de Euclides é um passo decisivo para o desenvolvimento da abordagem que defendo.

O ENSAIO PARNASIANO: UMA TENTATIVA DE DEFINIÇÃO

Para Augusto de Campos, a quem devemos o estudo mais importante acerca do tópico, “em Euclides muito mais do que um mero epígono parnasiano, [existia] um escritor que sabe utilizar-se dos recursos do verso para construir áreas pregnantas de poesia em trechos significativos de sua prosa”.⁴² Após recordar autores que identificaram traços parnasianos na escrita euclidiana – Augusto Meyer, Eugênio Gomes, Gilberto Freyre e Franklin de Oliveira –, Augusto de Campos realizou notável trabalho de “reconversão” da prosa euclidiana em versos latentes. E esclareceu o alcance do gesto, que nada tem a ver com o desejo ingênuo de,

(...) converter em poesia a prosa de Euclides, num torneio artificioso de alquimia verbal. O que se pretende é demonstrar o quanto as estruturas poéticas – no seu adensamento rítmico, plástico e sonoro – contribuíram para dar ao texto o ‘tonus’ peculiar que é a sua marca impressionante. Em muitos dos mais altos trechos do seu livro, naqueles precisamente em que ele se revela mais original e persuasivo, recorreu Euclides aos métodos da poesia (...) tudo convergindo para transformar o discurso meramente didático ou expositivo e dar-lhe a configuração sensível e diferencial que eleva o repórter de Canudos às alturas de um notável criador literário.⁴³

Desse conjunto de problemas e possibilidades enuncio a hipótese, embora seja o primeiro a reconhecer seu caráter inicial: o texto euclidiano pode ser mais bem compreendido como um “ensaio parnasiano”. Na tentativa de definir o texto do Jorge Luis Borges, um crítico sugeriu que o autor argentino desenvolveu um gênero particular: “el ensayo científico”; gênero caracterizado por um narrador que “adopta una posición interpretativa o analítica para tratar una cuestión, usualmente desde un punto de vista más personal”.⁴⁴ No caso do ensaio parnasiano, a posição analítica supõe o emprego sistemático de metáforas como um modo específico de apreensão sintética de determinada totalidade que de outro modo dificilmente poderia ser apresentada.

Recordem-se as palavras do próprio Euclides: “Além disto, sob o conceito estreitamente artístico, isto é, como um trecho da terra desabrochando em *imagens capazes de se fundirem harmoniosamente na síntese* de uma impressão empolgante (...)”.⁴⁵ Ele referia-se à Amazônia, mas proponho que se surpreenda nessa passagem uma explicitação de seu método. Em alguns casos, sobretudo nos mais complexos e contraditórios, a síntese, finalidade última do conhecimento, exigiria o concurso de metáforas, a fim de chegar-se à imagem possível de uma totalidade problemática. O ensaio parnasiano seria a resposta aos paradoxos que Euclides identificou na formação social brasileira. Aí residiria o sempre citado consórcio da ciência com a arte, vale dizer, a produção de conhecimento efetivo sobre um objeto determinado através de uma síntese metafórica.

Salvo engano, Antonio Candido aproximou-se dessa interpretação: “Muito mais do que sociólogo, Euclides é quase um iluminado. As simplificações que operou, *na síntese das grandes visões de conjunto*, permitem-lhe captar a realidade mais profunda do homem brasileiro do sertão”.⁴⁶ Ou como Roberto Ventura viu com

⁴² Augusto de Campos. “Transertões”. Augusto e Haroldo de Campos. Os sertões dos Campos – duas vezes Euclides. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997; p. 18. Ele cita o livro de Olímpio de Souza Andrade como a fonte para o estudo de Guilherme de Almeida, ver p. 12.

⁴³ Idem; pp. 33-34.

⁴⁴ Alberto Julián Pérez. Poética de la prosa de J. L. Borges. Hacia una crítica bakhtiniana de la literatura. Madrid: Editorial Gredos, 1986; p. 231.

⁴⁵ Euclides da Cunha. À margem da história. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 1, destaques meus.

⁴⁶ Euclides da Cunha. “Euclides sociólogo”. Textos de intervenção. Vinicius Dantas (org.). São Paulo: Duas Cidades & 34 Letras, 2002 [1952]; p. 181, destaques meus.

⁴⁷ Roberto Ventura. "Viagem ao centro da terra". José Carlos Barreto de Santana. *Ciência & arte: Euclides da Cunha e as ciências naturais*. São Paulo / Feira de Santana: Hucitec / Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001; p. 14, destaques meus.

⁴⁸ Izidoro Martins Junior. *A poesia científica*. (Escorço de um livro futuro). Recife: Imprensa Industrial, 1914 [1883]; p. 15.

⁴⁹ Idem; p. 17 & pp. 29-30, destaques do autor.

⁵⁰ Carlos Real de Azúa. "Prólogo a Ariel". José Enrique Rodó. *Ariel. Motivos de Proteo*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985, p. IX. Sobre Rodó, ver, Pablo Rocca, *Enseñanza y teoría de la literatura en José Enrique Rodó*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2001.

precisão, em tais circunstâncias, as metáforas permitiriam estabelecer "*conexões imagéticas* entre os diversos níveis da realidade".⁴⁷ Níveis contraditórios, em geral. Mais uma vez, devo ressaltar que não se trata de projetar anacrônica e automaticamente teorizações contemporâneas no estudo do texto euclidiano, e, então, ingenuamente considerar ingênuo a postulação do consórcio da ciência com a arte, tal como defendido por Euclides. Trata-se, pelo contrário, de reconstruir o campo discursivo coevo à escrita de *Os serões*. Hora, portanto, de recuperar *A poesia científica*, de Izidoro Martins Junior. Publicado em 1883, com o curioso subtítulo "Escorço de um livro futuro", seu projeto não era nada modesto, pois pretendia estimular o surgimento de uma "Poesia sã, verdadeira, forte, construtora, e afinada pelas modernas sínteses filosóficas...".⁴⁸ A poesia científica, sem dúvida. O autor a define com eloquência:

Eis aí uma nova fórmula, o novo credo, a nova lei, nos domínios da inspiração metrificada, na esfera das emoções sujeitas à sonoridade igual e ondulante do verso. (...) Denomino a poesia, a fórmula poética do futuro, como eu a compreendo e como a quero, deste modo: *cientificismo filosófico*, ou – *poesia científico-filosófica*. (...) Somente quando estiver bem vulgarizada e aceita a compreensão verdadeira das expressões *ciência* e *filosofia*, que tendem, desde o princípio deste século, a sinonimizar-se, a se fundir, a se consubstanciar em uma só; se poderá sem perigo dar à poesia a qualificação única de – científica.⁴⁹

O ensaio parnasiano faria parte dessa atmosfera, representando o projeto de reunir ciência e arte na prosa euclidiana. É evidente que a tarefa do analista nada tem a ver com a atividade do juiz, atribuindo ao escorço da futura "poesia científica" um valor, seja positivo, seja negativo. No caso do panfleto de Izidoro Martins Junior não é preciso ser um crítico particularmente talentoso para apontar os limites de sua idéia. Entretanto, mais fecundo e desafiador é pensar sua proposta como um sintoma do campo discursivo da passagem do século XIX ao seguinte, e ainda das primeiras décadas do século XX. Como Antonio Candido esclareceu, a mescla dos gêneros caracterizou o período em questão.

Embora não disponha de espaço para desenvolver o paralelo, seria interessante aproximar o texto euclidiano da escrita de José Enrique Rodó, cujos textos também eram organizados a partir de metáforas que desempenhavam o papel de sínteses de idéias mais gerais. Neste sentido, *Ariel* e *Motivos de Proteo* merecem uma leitura comparativa atenta à elaboração de um discurso que também se apresenta como a síntese de gêneros diversos. Destaque-se a importante ressalva feita por um dos mais importantes conhecedores da obra de Rodó:

La costumbre presente de considerar Ariel como mera, libre y personal proposición de ideas – esto es, como 'ensayo' – soslaya muy probablemente su inscripción en otra categoría literaria más acuñada y precisa. Se trata de un género hoy casi perimido pero que, en relativo auge hacia tres cuartos de siglo, presentaba caracteres muy definidos y se regulaba por normas (...).⁵⁰

Azúa pensava na oratória e no modelo do discurso magistral, encenado na própria escrita de Rodó. Em sua introdução, o crítico recuperou as marcas do gênero, a fim de permitir uma leitura renovada do "arielismo". Operação similar estou propondo em relação

à obra de Euclides, buscando inscrevê-la na categoria do “ensaio parnasiano”, cujo traço dominante seria o pretendido consórcio da ciência com a arte. Vale ressaltar que a célebre resenha de José Veríssimo insistiu no mesmo aspecto, destacando *Os sertões* como o livro de “um homem de ciência, um geógrafo, um etnógrafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador; e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista”.⁵¹ Veríssimo identificou corretamente a pluralidade de registros do texto euclidiano, sugerindo o estilo de um polígrafo, aliás como Euclides o reconheceu.⁵² Contudo, o crítico reservou um reparo igualmente célebre relativo à onipresença de termos técnicos em sua argumentação. Por isso, embora agradecido pela atenção dispensada a seu livro de estréia pelo mais importante crítico militante da época, Euclides reservou-se o direito de aprofundar a divergência: “Num ponto apenas vacilo – o que se refere ao emprego dos termos técnicos. Aí, a meu ver, a crítica não foi justa”.⁵³ Ela seria injusta, “sobretudo se considerarmos que o consórcio da ciência e da arte, sob qualquer de seus aspectos, é hoje a tendência mais elevada do pensamento humano”.⁵⁴ Depois de recorrer ao químico Berthelot, defensor do mesmo princípio, Euclides detalhou sua compreensão do problema:

(...) Eu estou convencido que a verdadeira impressão artística exige, fundamentalmente, a noção científica do caso que a desperta – e que, nesse caso, a comedida intervenção de uma tecnografia própria se impõe – e é justo desde que não se exagere ao ponto de dar um aspecto de compêndio ao livro que se escreve, mesmo porque em tal caso a *feição sintética desapareceria e com ela a obra de arte*.⁵⁵

Tecnografia propriamente recuperada por Leopoldo Bernucci, que, a exemplo de José Veríssimo, identificou uma pluralidade de linguagens na tessitura de *Os sertões*, correspondente a campos tão diversos quanto a Bíblia, a antropologia, o folclore, o barroquismo, a geologia, a geologia, a meteorologia, o teatro, a linguagem militar, a arquitetura, a ficção e a épica. “Segundo este mesmo ângulo crítico, a poesia bem lograda captaria verdades científicas, como uma teoria científica deveria condensar uma visão poética”.⁵⁶ Aliás, Leopoldo Bernucci realizou um importante trabalho de levantamento do campo discursivo no sentido em que estou propondo. Em *A imitação dos sentidos*, o autor “tece comentários críticos, do ponto de vista da intertextualidade, sobre as relações entre *Os sertões* e os escritos de outros autores”.⁵⁷ O gênero do texto euclidiano cria o que Bernucci denominou “o impasse euclidiano”.⁵⁸ Talvez um modo renovado de explorar o impasse seja recuperar o campo discursivo no momento em que a “poesia científica”, o consórcio da ciência com a arte, parecia definir a escrita dos novos tempos. Afinal, “o escritor do futuro será forçosamente polígrafo; e qualquer trabalho literário se distinguirá dos estritamente científicos, apenas, por uma síntese mais delicada, excluída apenas a aridez característica das análises e das experiências”.⁵⁹

Como se sabe, Euclides não viveu o suficiente para tornar-se contemporâneo do futuro que vislumbrava. Mas já não terá chegado o tempo de reconstruirmos o campo discursivo que autorizava o desenvolvimento do que denominei tentativamente de “ensaio parnasiano”?

⁵¹ José Veríssimo. “Uma história dos sertões e da campanha de Canudos”. José Leonardo do Nascimento & Valentim Facioli (orgs.). *Juízes críticos. Os sertões e os olhares de sua época*. São Paulo: Nankin / Editora da UNESP, 2003 [1902]; p. 46. A avaliação fez história e foi adotada inúmeras vezes. Múcio Teixeira, por exemplo, reduplicou o achado de Veríssimo: “O livro de Euclides da Cunha, como ficou demonstrado, é uma obra histórica, uma obra científica e uma obra de arte”. *Idem*; p. 42.

⁵² “O escritor do futuro será forçosamente polígrafo (...)”. Carta enviada a José Veríssimo em 3 de dezembro de 1902. Walnice Nogueira Galvão & Oswaldo Galotti. *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: EdUSP, 1997; p. 144.

⁵³ *Idem*; p. 143.

⁵⁴ *Idem*; p. 143.

⁵⁵ *Idem*; p. 144.

⁵⁶ Leopoldo Bernucci. “Prefácio”. *Euclides da Cunha. Os sertões. Campanha de Canudos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002 [1902]; p. 32.

⁵⁷ Leopoldo Bernucci. *A imitação dos sentidos. Prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1995; p. 17.

⁵⁸ Título do primeiro capítulo do livro, p. 19-24.

⁵⁹ Como já se viu, trata-se da carta enviada a José Veríssimo em 3 de dezembro de 1902. Walnice Nogueira Galvão & Oswaldo Galotti. *Op. cit.*; p. 144.